

## VIRTUALIDADES E ALCANCES DA ENTREVISTA NARRATIVA

Dra. Inês A. Castro Teixeira

Doutoranda Karla Cunha Pádua

Programa de Pós-graduação em Educação – UFMG

Palavras-chave: Narrativa - Entrevista narrativa – Pesquisa Social - Processos interculturais - Formação de educadores

*A narrativa, da mesma maneira como prospera longamente no círculo do trabalho artesanal – agrícola, marítimo e depois urbano – é ela própria algo parecido a uma forma artesanal de comunicação. Não pretende transmitir o puro “em si” da coisa, como informação ou um relatório. Mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extrai-la outra vez dela. É assim, que adere à narrativa a marca de quem narra, como à tigela de barro a marca das mãos do oleiro.*

Walter Benjamin

Em um contexto de progressivo processo de extinção da arte de narrar - que (re) inventa a vida na *invenção de si*, tal como a arte do oleiro na analogia de Benjamin - nos vemos cada vez mais privados da faculdade de trocar experiências, que constituem a fonte, por excelência, das narrativas. Estas se nutriam, inicialmente, de saberes sobre terras distantes e saberes do passado, sempre com uma dimensão utilitária, portando ensinamentos morais, sugestões práticas e conselhos sobre a vida. Seus efeitos, todavia, dependiam da habilidade de narrar a história utilizando elementos da substância viva da existência, que Benjamin (1996) chama de sabedoria.

O desenvolvimento das forças produtivas, associado às novas noções e configurações do tempo e do espaço e suas respectivas formas de sociabilidade e modos de vida, foram expulsando a narrativa da esfera do discurso vivo, afastando-a, gradativamente, da tradição oral de relatar experiências, substituindo-a por uma nova forma de comunicação baseada na informação. Ainda segundo Benjamin (1996), a difusão da informação fez declinar a autoridade do saber das terras estranhas ou das tradições e limitou a liberdade do leitor ou ouvinte a interpretar a história. Com a informação e a busca de novidades perdeu-se, também, a capacidade de suscitar espanto e reflexão. O

discurso explicativo, sóbrio e conciso, foi substituindo as sutilezas psicológicas capazes de gerar sempre interpretações novas.

O ritmo acelerado da vida moderna, por sua vez, fez desaparecer a capacidade do ouvinte assimilar a experiência narrada à sua própria experiência para poder recontá-la, imprimindo sua marca nas histórias. Hoje, cada vez mais, falta-nos tempo para contar e ouvir histórias, para descrever pacientemente e minuciosamente detalhes preciosos em uma longa cadeia narrativa, na qual os eventos e imagens se sucedem sem pressa, a ponto de provocar visões de si mesmo. A ponto de provocar uma invenção de si e do outro, nos protagonismos narrados e, assim, revividos, significados e ressignificados.

Apesar deste quadro e tendências de desgaste e desaparecimento da arte de narrar, na realização de seu ofício, na pesquisa social com a Oralidade e a História Oral, os/as pesquisadores/as vão em busca das narrativas e interpretações dos sujeitos sobre seus viveres, numa incansável procura pelo narrador e sua experiência. Sem desconhecer os limites da situação discursiva da entrevista, essa metodologia qualitativa de investigação, propõe-se a escutar os sujeitos que, generosamente, emprestam e confiam suas vidas aos/as entrevistadores/as, que delas recolhem não somente os fatos, mas os sentidos, os sentimentos, os significados e interpretações que tais sujeitos lhes conferem. Seja para que suas vidas, identidades e histórias possam ser conhecidas, interrogadas, registradas e (e) laboradas, seja para discutir temáticas e questões da vida humana, das sociedades e das culturas, a partir da compreensão de seus próprios protagonistas, seja para que possam ser reveladas, celebradas e, posteriormente, guardadas, ou melhor, veladas, nos acervos históricos, como fonte documental. E ainda, a partir do acesso público a tais acervos, para que possam ser restituídas às comunidades e, desta maneira, conhecidas por quem o desejar. Neste caso, dos acervos de História Oral, constituindo uma documentação em várias vozes: que expresse a polifonia e a polissemia da história presente e pretérita, individual e coletiva.

Mediante tais preocupações e supostos, este trabalho, de caráter teórico-metodológico, discute as virtualidades e alcances da utilização da entrevista narrativa a partir de Flick (2002), pensando-a como uma estratégia para a pesquisa e análise de processos interculturais existentes em instituições acadêmicas de formação de educadores. Em algumas destas instituições, uma nova realidade vem se configurando, na medida em que, atendendo às demandas dos movimentos sociais, implementam-se projetos que abordam diretamente os temas da equidade educacional, da eliminação dos preconceitos e da discriminação e do empoderamento de grupos sociais historicamente marginalizados e, assim, colocam a problemática das diferenças no centro do processo de formação, mesmo sem propor diretamente mudanças nos conteúdos e práticas curriculares. Procura-se neste trabalho, discutir as potencialidades das entrevistas narrativas na análise das impregnações e ressonâncias de tais processos formativos interculturais na subjetividade dos atores sociais que os protagonizam.

Desenvolvemos, pois, a proposição de que as entrevistas narrativas podem ser ferramentas importantes para se conhecer estas novas dinâmicas cotidianas das relações sociais e políticas nestes espaços e tempos de formação acadêmica, permitindo a análise de suas repercussões nas subjetividades docentes e discentes. Em especial, na medida em que convida professores e estudantes a narrarem e reconstituírem suas experiências de interação e encontro com o outro e de comparação com a diferença, problematizando as dinâmicas instauradas mediante sua participação nestes projetos.

A intenção é, portanto, analisar as virtualidades e alcances das narrativas, na situação discursiva da entrevista, para se discutir as possibilidades de elaboração de novas imagens de si e do outro, por parte de docentes e discentes envolvidos em projetos acadêmicos que, por destacarem a diferença, podem instaurar novos contextos educativos e novas dinâmicas intersubjetivas. Trata-se, aqui, de conhecer o que está se passando com as subjetividades docentes e discentes nestas situações mais híbridas, para o que é necessária uma metodologia adequada ao estudo deste tipo de movimentos e processos. Dito de outro modo, o artigo desenvolve a idéia de que a entrevista narrativa, por suas características e singularidade comparativamente a outras modalidades de entrevista, como as semi-estruturadas, pode ser um importante recurso metodológico na análise destas dinâmicas interculturais e movimentos de subjetivação. Neste sentido, supondo uma menor intervenção do pesquisador, seu segredo está na elaboração de uma boa questão gerativa capaz de provocar uma narração do sujeito, cujos aspectos relevantes podem representar para os/as narradores/as algo muito além do que representará para a pesquisa e o conhecimento da vida social.

### **Da narrativa, em outras palavras**

A narrativa, ao ordenar e atribuir sentidos aos acontecimentos, articulando-os em uma seqüência temporal significativa, permite ao/a narrador/a a elaboração de imagens de si, do outro e do mundo e a atribuição de significados às suas experiências, constituindo-se como uma forma discursiva privilegiada para a compreensão das interpretações dos sujeitos sobre si mesmos, numa possível *invenção de si*.

Mas de que é feita a narrativa? Qual sua matéria prima ou de que ela se nutre? A narrativa se nutre da memória para narrar o que aconteceu em torno de determinada experiência, ou melhor, ela (re) constitui e (re) compõe uma experiência, cuja lógica é tecida no modo do/a narrador/a transitar entre os eventos e imagens mais e menos significativos, que no todo constroem o enredo e o sentido da história, podendo cativar e encantar o/a ouvinte. Todavia, em uma época destituída de memória e expectativas torna-se cada vez mais difícil encontrar esta figura do narrador, que foi desaparecendo com as transformações técnico-científicas do mundo moderno. Fomos perdendo a capacidade de entrecruzar passado e presente, através das recordações da memória. E assim fomos perdendo as histórias construídas com as marcas das biografias e da

imaginação e também a memória dos acontecimentos e seus sentidos, antes narrados como experiência temporal viva. Também se perdeu a força imagética da palavra, capaz de suscitar arrebatamentos, mobilizar sentimentos, influenciar comportamentos, provocar uma (re) elaboração emotiva e um repensar do acontecido, como salientou Matos (2001).

Narrar é memória, recordação, é história tornada experiência, por isto implica em descolamentos em que se insinua a ação do tempo, com suas feridas e descontinuidades, com seus acidentes e desvios e por isto mesmo deixa lacunas, indeterminações próprias dos processos contínuos de configuração das identidades (Matos, 2001). A recordação, matéria prima da memória, ajuda a reconstruir processos e transformações que acompanham as experiências, conferindo identidades aos sujeitos, em movimentos de subjetivação. E neste processo de recordação, se valoriza o que mais importa a ser passado aos outros como ensinamento das experiências vividas. Daí sua característica de sabedoria prática.

Tecida de imagens, de feitos e de fatos reverberados nas palavras, a narrativa é mais ligada ao sensível, um gênero discursivo que valoriza a imaginação, o múltiplo e o misturado, sendo por isto privilegiado para relatar situações complexas, como as transformações que acompanham as mudanças nas subjetividades dos sujeitos. Com seu poder de despertar o vivido e a sua intensidade imaginativa, a narrativa reabre o tempo histórico anunciando possibilidades perdidas, criando espaços de liberdade para gerar interpretações novas e para transformar o narrado em experiências subjetivas. Na medida em que evocam o passado para torná-lo transmissível, retendo o que foi mais significativo para compreender o presente, sempre de uma perspectiva interior e subjetiva, as narrativas deixam em aberto o sentido, em um processo nunca definitivo (MATOS, 2001).

É nesta perspectiva que esta forma discursiva tem sido resgatada, tanto para contrapor ao consumo de informações, à indiferença em criar e à falta de significado da vida social que caracteriza a contemporaneidade, quanto para conhecer melhor os sujeitos do mundo de hoje, pois a narrativa pode ser considerada também uma forma de auto-interpretação, fundamental na elaboração do sentido de quem somos (LARROSA, 2004). Para este autor, responder quem somos implica em contar uma história e ao narrar esta história nos construímos.

A narrativa trabalha com o suceder das coisas, mas não em um mero transcorrer, mas nos momentos significativos dos tempos nas vidas dos sujeitos. Neste sentido, possibilita a abertura de um horizonte temporal significativo no qual os sujeitos (re) significam o passado e o futuro, a partir da consciência que possuem no momento presente. É o ponto de vista do presente que ilumina a construção imaginativa do passado e do futuro, tornando-os significativos. A narrativa é sempre uma narração significativa do presente, do passado e do futuro. E o tempo narrado é um tempo articulado em uma história subjetiva, na forma como cada narrador/a foi capaz de

imaginar, interpretar e contar, de maneiras mais ou menos nítidas, delirantes ou fragmentadas tal como Larrosa (2004) o considera.

A interpretação que os sujeitos elaboram sobre si mesmos supõe este tipo de articulação temporal, pois situa o acontecimento no curso da vida, por isto Larrosa (2004) também observa que a experiência só pode ser interpretada narrativamente. É na história das vidas dos sujeitos que os acontecimentos vão adquirindo ordem e sentido e na trama da narrativa estes acontecimentos vão se articulando em uma seqüência significativa, em uma lógica que se desenvolve através de seqüências e progressões temporais. Neste sentido, a forma de organizar a experiência em uma narrativa impõe significado à experiência, uma construção que sempre depende das outras histórias que ouvimos e do diálogo com outras narrativas em relação às quais construímos a nossa. O sentido de quem somos é sempre construído na relação com outros textos e narrativas, daí a importância de se conhecer o contexto em que as histórias são narradas, produzidas e mediadas no interior de práticas sociais que interferem nas elaborações do sentido e dos sentidos. Por isto é fundamental considerar os lugares sociais e institucionais em que os textos auto-narrativos e outras formas de narração se desenrolam, como na situação discursiva da entrevista narrativa.

E afinal, em que consiste esta modalidade de entrevista? A que ela se propõe e quais as condições de sua realização? Quais seriam suas particularidades frente a outros tipos de entrevistas? Pensemos um pouco sobre estas questões para, em seguida, discutir suas virtualidades e alcances nos estudos de análises processos interculturais.

### **Da entrevista narrativa: condições e especificidades**

Vem se destacando, recentemente, nos domínios da pesquisa qualitativa, uma vertente metodológica que discute a utilização não somente de narrativas (de um modo geral e em suas variadas formas), mas a entrevista narrativa, especificamente, para a abordagem de mundos individuais de experiência ou experiências subjetivas, como alternativa às outras modalidades de entrevista, tal como as semi-estruturadas. Visto que nem sempre estão claras e evidentes as particularidades, diferenças e condições de realização de uma ou outra modalidade de entrevista, e considerando o conhecimento incipiente sobre a entrevista narrativa, nela nos deteremos, discutindo-a a partir as formulações de Flick (2004) a seu respeito. E extrapolando-as em alguns de seus aspectos, ampliando o pensamento.

Contudo, antes de nos determos nesta questão, é necessário relembrar alguns elementos da situação discursiva da entrevista, em seu uso na pesquisa social qualitativa, particularmente nos trabalhos com a oralidade e com a chamada História Oral. Ou

melhor, na perspectiva de um trabalho de interpretação e de memória do vivido, partindo do entendimento das Ciências Humanas e Sociais como domínios da compreensão, da historicidade e da cultura que deve ultrapassar as dicotomias da objetividade e da subjetividade, do micro e do macro, do quantitativo e do qualitativo. Ou ainda, no sentido da pesquisa e da ciência não como explicação, mas como implicação, na formulação de Le Ven (2006).

Deve-se considerar, ainda, que em qualquer de suas modalidades, a entrevista localiza-se nos territórios da pesquisa social, que é sempre uma prática social inserida em contextos sócio-históricos e políticos. Trata-se de uma atividade humana dotada de sentido, de interesses, de propósitos, que envolve questões éticas, políticas, responsabilidades sociais, finalidades e usos do conhecimento, por assim dizer. A investigação da vida social pode ser pensada, também, como uma *aventura* e como um *exercício da imaginação*, segundo as formulações de Nunes (1978) e de Mills (1969), respectivamente. É ainda, como uma arquitetura e como tessitura, na proposição de Teixeira (2005). Uma arquitetura no sentido de que a investigação social estrutura-se a partir de uma viga, um eixo, do objeto de estudo que se edifica. Enquanto tessitura remete aos fios que a tecem: às teias e texturas em que se enredam as interações sociais entre pesquisadores/as e sujeitos de pesquisa de um lado e, de outro, os fios com que tecemos o texto no momento da redação do trabalho, enredando idéias e palavras, pensamento e linguagem.

Antes de tudo, a entrevista é um encontro sócio-antropológico, é uma relação intersubjetiva entre sujeitos que falam e ouvem, que sentem, que pensam, unindo afeto, razão e emoção. Nesta relação, cabe ao/a pesquisador/a a busca da informalidade, da espontaneidade e da confiança dos sujeitos que lhes emprestam suas vidas e histórias; pessoas que ao longo de suas narrativas lhes confiam suas lembranças, seus sentimentos, seus pensamentos; suas dificuldades, seus sonhos e quimeras. Quiçá, sua intimidade. Trata-se de um encontro entre sujeitos, com diferentes registros culturais, que exige do/a pesquisador/a uma fina escuta, para que seja um sensível e fecundo encontro. Neste sentido, é preciso haver da parte do/a entrevistador/a, uma sempre e renovada delicadeza no cuidado e zelo com o/a entrevistado/a. Sim, a delicadeza é bem maior e a exigência primeira das chamadas entrevistas em todas as suas modalidades.

Nesta mesma direção, nunca se pode esquecer que a entrevista é sempre e antes de tudo uma situação discursiva. É um ato de fala e de escuta, inscrito em relações sociais, num encontro intercultural e intersubjetivo. Nela estão implicadas, as dinâmicas próprias das interações sociais, que envolvem atos de enunciação, assimetrias de poder, pluralidade de interesses, de sentidos, como também racionalidades, emoções, intencionalidades, sentimentos e gestualidade. Entrevistas envolvem, também, dimensões de tempo e de lugar, porque nelas estão inscritas. Datas, horários, durações e os locais onde elas se realizam, não são uma coisa menor. Ao contrário e, por isso, devem ser planejados com muito cuidado: novamente, com delicadeza. Nas entrevistas estão, também, nossas expressões corporais, no corpo que fala e outras formas de linguagem, ao lado do não

dito, do interdito. Na entrevista pode estar o silêncio, não somente na conduta do/a entrevistador/a que escuta, mas do/ próprio/a entrevistado/a.

Sim, na arte de entrevistar, não se deve esquecer que o silêncio pode ser tão revelador, tão denso e tão necessário quanto a fala. Para buscar as palavras, para exprimir idéias, para ouvir o seu pensamento, o seu sentimento e suas próprias interpretações, o/a narrador/a precisa, não raro, do silêncio. Seja entre uma palavra e outra, entre uma idéia outra, entre uma e outra emoção. Seja apenas pelo silêncio. Deve estar, portanto, nas lidas do entrevistar, o saber saborear o silêncio. É preciso, novamente, a delicadeza e o cuidado deixando transbordar o silêncio. Trata-se de deixar saturar o silêncio de que o/a entrevistado/a necessita, que ele/a pede e que nem sempre o entrevistador/a sabe respeitar e entender. Mas isto é essencial na arte da entrevista. Um silêncio interrompido ou desrespeitado, assim como uma observação, uma pergunta (por mínima que seja), estando fora do momento ou fora do lugar, atravessando o pensamento, a fala ou o silêncio do/a entrevistado/a, ao quebrarem a rítmica da narrativa e do narrador, podem ser falhas irrecuperáveis, comprometendo o relato que vai sendo tecido e confiado ao/à entrevistador/a.

Explicando mais e trazendo um outro elemento a se considerar na entrevista narrativa e em todas elas, no aporte da investigação qualitativa, é preciso considerar as temporalidades inscritas na entrevista. Assim como uma entrevista só deverá ocorrer em datas, dias e horários à escolha dos sujeitos, em períodos em que eles/as, entrevistados/as e entrevistadores/as, poderão dispor calma e livremente de seus tempos, sem tensões e atropelos de tarefas a serem cumpridas logo a seguir, que poderão perturbar a narrativa, a rítmica interna, do período de duração da entrevista, propriamente, também precisa ser cuidada. Também neste sentido é necessário escutar o silêncio, sem quebrá-lo, sem interrompê-lo. Da mesma forma, é necessário apreender o gesto, observar e considerar a expressão corporal, a gestualidade e a emoção do/a entrevistado/a em todas as suas formas e manifestações ao longo da entrevista. Neste particular, entre outras de suas contribuições, os Cadernos de Campo ou Diários de Bordo, como os chamamos usualmente, são essenciais para nossos registros de descrição da situação de entrevista, apesar de serem tão esquecidos. Neles tudo isto poderá ser anotado, capturando e apreendendo o contexto do texto, a situação da narrativa. Em suma, o cenário e cenas da entrevista.

Assim trançada e traçada, o que não pode faltar a qualquer entrevista do ponto de vista do/a entrevistador/a, de quem a propõe? Por certo que a entrevista é uma trama de pontos, fios, e planos, mas é possível dizer que a ela não pode faltar, ao lado da delicadeza, do cuidado e do zelo com o/a entrevistado/a: a capacidade de escuta. E aqui se trata de escuta, que se diferencia da capacidade de ouvir. Enquanto esta nos remete a um sentido fisiológico, a uma integridade biológica relativa a um bom desenvolvimento de funções fisiológicas, escutar não é isso, pois envolve um ato psicológico. Um ato que supõe uma desmedida disposição de acolher o que nos vem do outro. No caso da entrevista narrativa, a narração, o que os sujeitos trazem em seus relatos, os significados

que vão revelando, por vezes de modo claro e ordenado, por vezes de modo obscuro, confuso, incompleto. E se assim for, poderemos conseguir uma conversação e um registro que se constitua como algum campo de trocas (LE VEN, FARIA & MOTTA, 1997).

Na entre-vista, neste colocar a vida à vista, neste estar entre a vida e a narrativa ou entre a vida e o entrevistador, ou ainda neste entre-vistar - este estar à vista do outro, ou neste estar entre si e o outro, neste avistar-se com o outro e consigo mesmo - há um movimento de ambas as partes. Um movimento dos sujeitos em torno de suas vidas, na direção de suas histórias, lembranças, reminiscências, sempre contextualizadas e socialmente construídas, no movimento da vida transcorrida e transcorrendo, deslocando-se no transcurso do tempo. Há um movimento de fala e de escuta próprios dos diálogos, há um movimento de um/a para o/a outro/a dos/as interlocutores/as numa relação de reciprocidade e de troca. De cumplicidade.

Detendo-nos um pouco mais nestes aspectos do *instante da entrevista*, observados por Le Ven, Faria & Motta (1997, p. 226) tem-se, pois, que a primeira característica da entrevista narrativa, como outras modalidades de entrevista, é que ela

põe em presença um indivíduo que aceita falar da sua vida para outros, que são ao mesmo tempo estranhos e cúmplices em um projeto comum, o que cria um laço de presença. Essa presença, em lugar e tempo “artificiais” – no sentido de obra e não de falsidade – põe em movimento todos os sentidos corporais e espirituais que são próprios das relações humana.

Quanto à cumplicidade, não significa buscar a homogeneização, a identificação, a confusão de um sujeito com o outro, narrador/a e entrevistador/a, como também não é dissolução de um no outro. A cumplicidade se refere, aqui, ao reconhecimento do *território* do/a outro/a, de sua *verdade de vida*, o que não significa a dita neutralidade ou imparcialidade do/a pesquisador/a. Por ser assim, tais autores/as enfatizam que *o momento da entrevista tem assim um sentido próprio, distinto do uso que se possa fazer do produto-entrevista*.

Inspirados, ainda, em Le Ven, Faria & Motta (1997) podemos dizer que a entrevista na perspectiva do trabalho com a oralidade, da História Oral e da entrevista narrativa, permite ao/a entrevistado/a uma reflexão sobre si mesmo, sobre suas identidades e histórias. Por isto, os /as entrevistados/as podem se perceber como *criadores de história*, vendo-se e revelando-se, através de suas narrativas, em seus protagonismos de atores sociais. Neste sentido, de objetos da pesquisa social, se tornam e se (re) conhecem, eles e elas, como sujeitos, (re) vendo não somente suas histórias e feitos, mas seu *projeto* de vida. Talvez seja esta a razão pela qual, na expressão de Bourdieu (1997), a entrevista seja como *um exercício espiritual*.

Mediante estes princípios e entendimentos gerais, quais são as especificidades e condições de da entrevista narrativa? O que a caracteriza, a ponto de constituir-se como uma modalidade particular de entrevista?

Empregada no contexto da pesquisa biográfica, a entrevista narrativa segue o princípio básico de solicitar ao/à informante que apresente uma narrativa improvisada acerca de um determinado assunto do qual tenha vivenciado, sendo que a tarefa do/a entrevistador/ é fazer com que o/a informante conte uma história consistente de todos os eventos relevantes para o tema em questão, do início ao fim.

A entrevista narrativa inicia-se com uma questão gerativa referente ao estudo, que tem por finalidade estimular a narrativa principal do entrevistado. Flick (2004) recomenda que a questão gerativa deve ser formulada com clareza, sendo específica o suficiente para que certo domínio da experiência considerado interessante seja seguido como tema central, podendo ser geral ou específica, temporal e relativa a determinado tópico da biografia do informante. Para certificar-se que a questão gerativa seja uma questão narrativa, é importante que ela contenha dicas claras sobre o curso dos eventos a serem tratados, incluindo diversos estágios e a solicitação específica de uma narrativa com detalhes.

A questão gerativa serve para estimular a produção da narrativa e para concentrar a narrativa em um aspecto relevante e ao período da biografia que interessa à pesquisa. Tem o objetivo de estruturar a narrativa que a segue através de um modelo para a reconstrução da lógica interna dos processos, porém dando liberdade ao/à entrevistado/a de desdobrar sua visão sem a obstrução do/a entrevistador/a. A orientação principal é que a questão gerativa ofereça aos/as entrevistados/as um escopo para que relatem sua história, sem intervenções estruturadoras, adiando o aprofundamento temático para a parte final da entrevista. Nesta fase inicial da entrevista, na qual o narrador apresenta a *narrativa principal*, é crucial que o/a entrevistador/a não interrompa com perguntas, intervenções diretivas ou avaliações. Na qualidade de ouvinte, apenas sinaliza sua empatia com a história narrada e com a perspectiva do narrador, indicando que está tentando entendê-la através de “hums”, como recomenda Flick (2004), auxiliando e estimulando o narrador a continuar a narrativa até o final. O fim da história é indicado por uma “chave de ouro”, que sinaliza o próximo estágio da entrevista.

Para verificar se o relato é uma narrativa, deve-se observar se a sua forma dominante de apresentação é a narrativa do curso dos eventos (do início ao fim) e dos processos relativos ao seu desenvolvimento. Flick (2004) caracteriza uma narrativa quando apresenta uma situação inicial que descreve como tudo começou, selecionando eventos

relevantes e apresentando-os como uma progressão coerente, revelando como as coisas avançaram e que se desenvolve até uma situação final que sintetiza o que aconteceu.

Na entrevista narrativa, a narrativa principal apresentada na fase inicial, a partir da questão gerativa, é considerada a mais importante, pois o entrevistado, *emaranhado em certos constrangimentos* (Flick, 2004, p. 111) e envolvido no ritmo de sua própria história, acaba fornecendo as versões mais ricas de um evento ou de experiências. A narrativa, assumindo uma certa independência durante o processo da narração, acaba levando o narrador até mesmo a falar de eventos sobre os quais preferia não comentar. Na narrativa principal, assim que o narrador se envolve na situação da entrevista ou que inicia a narrativa, se encarrega de três processos: condensação, detalhamento e fechamento, ou seja, ele seleciona apenas aquilo que for necessário para a compreensão do processo, fornece somente aqueles detalhes e relações necessários para a compreensão da história e faz o encerramento no final. Isto para Flick (2004) justifica a sua utilização como técnica apropriada para extrair narrativas de histórias que apresentam aspectos relevantes. Mas o autor não deixa de reconhecer que não há qualquer analogia entre a apresentação da narrativa e experiência narrada. Neste sentido, concorda com os autores da tradição da investigação narrativa de que os relatos de eventos da história de vida são sempre apresentados na forma como foram vivenciados pelo narrador enquanto ator e, portanto, como um processo biográfico, não como algo aconteceu de fato.

Assim que o narrador sinaliza que encerrou sua narrativa, inicia-se o próximo estágio da entrevista, chamado por Flick (2004) de *investigações da narrativa*, no qual o pesquisador tem a oportunidade de completar os fragmentos de narrativa que não foram exaustivamente detalhados. Neste estágio, fragmentos de narrativas que ainda não foram suficientemente desenvolvidos ou trechos que não ficaram claros são utilizados pelo entrevistador para gerar novas perguntas gerativas de narrativas.

Neste tipo de entrevista, Flick (2004) considera ainda uma última fase, chamada de *equilíbrio*, em que se busca uma síntese, reduzindo o significado do todo ao seu denominador comum, ou relatos teóricos sobre o que aconteceu, através de perguntas ao/a entrevistado/a, considerados especialistas e teóricos de si mesmos. Nesta fase, aumenta o número de perguntas abstratas, sempre priorizando as perguntas do tipo “como” e, apenas mais tarde, do tipo “por que”, visando à descrição e a argumentação.

Na entrevista narrativa é necessário explicitar de antemão aos entrevistados, o caráter específico desta situação de entrevista, assim como os objetivos e os procedimentos, ainda na fase de recrutamento de entrevistados/as. Isto se justifica, nas reflexões de Flick (2004) para que não haja violação de expectativas, pois o/a entrevistado/a poderá esperar que sejam feitas perguntas e também por que nem todos os/as entrevistados/as

são capazes de apresentar narrativas sobre sua vida, como é o caso de pessoas tímidas, reservadas, pouco comunicativas e reticentes.

Este autor também chama a atenção para a necessidade de treinamento dos/as entrevistadores/as para o que denomina de escuta ativa, ou seja, comunicar interesse sem intervir e para o modo de manter a relação com o/a entrevistado/a, adequando-se ao problema e ao grupo alvo da pesquisa. Para isto recomenda entrevistas de ensaio, cujas gravações devem ser avaliadas sistematicamente pelo grupo de pesquisadores para identificar problemas na condução da entrevista e na atuação do/a entrevistador/a.

Ao colocar-se na perspectiva da narrativa, e, portanto, do sujeito - um sujeito corpóreo, histórico, político, cultural, singular - porque único, e diverso - a entrevista narrativa encontra-se com a subjetividade. Ela se preocupa e dialoga com tudo o que é denso e intensamente humano. Com os afetos. Diferentemente de outros caminhos investigativos e matrizes de pesquisa, que vêem a subjetividade como um fator nocivo à investigação, a ser não somente controlado, mas banido dos estudos, nela se coloca como um bem maior. É ela uma dimensão do humano, senão a sua constituição, que compõe a vida, uma dimensão a ser interrogada, a ser compreendida. Mas não se trata aqui da subjetividade como uma essência, separada da dinâmica social e da cultura, mas nelas imbricada, numa perspectiva que rompe a antinomia subjetividade/objetividade; indivíduo/sociedade; que rompe com a dicotomia razão e paixão, pensamento e afetos entendendo-os como parte das configurações dos fenômenos, em sua contraditória e dinâmica complexidade.

Por fim, nas lidas da entrevista narrativa, nunca é demais lembrar que o que mais interessa é a capacidade de escutar, de colocar-se *ao pé do leito*, diriam os teóricos da Sociologia. O que mais importa é saber convidar o sujeito à fala, envolvendo-o com sua própria narrativa, pelos seus significados, pela vida que nela se reconstitui e ressignifica. O fundamental é saber escutar a quem fala e o que se fala, colhendo e acolhendo a narrativa que o/a narrador nos oferece, através de uma escuta que, no momento certo, interroga sem invadir, procura sem agredir, solicita sem violentar, tendo em vista os princípios éticos da pesquisa social como um todo e da pesquisa com a oralidade, em particular, tendo em vista a ética da interlocução que circunscreve a entrevista, a interrogação e a escuta. Tendo em vista o *ethos* da delicadeza.

Nas reminiscências presentes nas narrativas há, por fim, um *movimento* do sujeito, no sentido de um *trabalho* sobre si mesmo e sobre o que viveu, como já foi realçado acima. Na entrevista, seus sujeitos, sobretudo os/as entrevistados/as, se colocam em ação, em movimento, através do pensamento que flui, que elabora, laborando a vida na palavra. Tal como se estivesse a lavar sobre si mesmo, a lapidar-se, a (re) reinventar a si mesmos ao narrar suas histórias. Tal como o oleiro, com a argila, voltando a Benjamin. Nestas cenas e cenários, os sujeitos entrevistados se movimentam em direção às suas vidas, buscando os movimentos da vida que neles flui, deslocando-se no movimento da vida e na vida em movimento. Desta maneira, a entrevista narrativa é como uma pausa

que ao mesmo tempo movimenta, que move as lembranças, reinventado a vida. Em meio ao turbilhão e aos ritmos intensos dos tempos (pós) modernos, a entrevista pode ser repouso que é também vigília e celebração.

A partir destas considerações, passemos à outra de nossas preocupações neste trabalho, no sentido de apresentar algumas das virtualidades e alcances da entrevista narrativa na pesquisa de processos interculturais.

### **Da entrevista narrativa: virtualidades e alcances na pesquisa de processos interculturais**

O contexto multicultural das sociedades atuais vem desafiando os pesquisadores a produzirem uma teorização a respeito de experiências e programas que introduzem o debate das diferenças culturais, em especial aqueles que ocorrem em instituições acadêmicas de educadores. Neste campo do multiculturalismo e formação docente, Canen, Arbache.& Franco (2000, p.14) chamam a atenção para a importância de se analisar as potencialidades e desafios da implementação de um olhar multicultural em contextos educacionais, ressaltando a necessidade de pesquisas que narrem experiências multiculturais, desenvolvidas por professores e formadores de professores no cotidiano de suas práticas pedagógicas. Assim, os autores desafiam os pesquisadores interessados nesta temática a encontrar novos instrumentos de pesquisa capazes de apreender *as histórias singulares constitutivas de identidades plurais*.

Como vemos, neste campo do multiculturalismo e do debate das diferenças buscam-se metodologias capazes de analisar as experiências multiculturais que têm sido implementadas no campo da formação docente a partir de narrativas e das histórias singulares dos sujeitos que as vivenciam. Há um reconhecimento de que para se conhecer as potencialidades e desafios de tais experiências é importante investigar o que está se passando com os sujeitos para analisar a sua capacidade, ou não, de provocar movimentos de transformação das identidades e das subjetividades.

Antes, porém, de tecer algumas considerações a respeito das virtualidades e alcances da entrevista narrativa na análise de processos interculturais, é necessário explicitar o porque da preferência, neste trabalho, pela utilização do termo intercultural em relação ao termo multicultural. Embora a discussão da interculturalidade no contexto acadêmico brasileiro ainda seja embrionária, restringindo-se a um pequeno grupo de pesquisadores, conforme ressaltou Silva (2003), preferimos, como outros autores, reservar o termo multiculturalismo para o fenômeno da diversidade cultural cada vez mais evidente nas sociedades globalizadas e o termo intercultural para os processos de relação e interpenetração que permeiam as trocas entre grupos humanos diferentes, que envolvem

a interação entre duas ou mais culturas e podem possibilitar a construção de subjetividades híbridas.

O termo intercultural contribui mais para compreender os processos de relações recíprocas entre grupos culturais diferentes e, como ressaltou Souza e Fleuri (2003), possibilita considerar a pluralidade e a variabilidade das significações produzidas nestas relações e problematizar o caráter fixo e estável das identidades culturais e a lógica binária que vem orientando a relação entre culturas diferentes.

Nesta direção, porém sem qualquer pretensão de esgotar a temática, é que se busca analisar as contribuições da entrevista narrativa para a compreensão das potencialidades interculturais de projetos que focalizam a interação com grupos sociais historicamente marginalizados, como as minorias étnicas (indígenas e afro-descendentes), em contextos acadêmicos de formação de educadores. Isto é, procuramos discutir a capacidade de tais iniciativas produzirem efeitos nas subjetividades de professores e estudantes e de provocar o repensar de suas identidades culturais, partindo das narrativas dos próprios sujeitos e identificando nelas, deslocamentos, descentramentos, contradições e movimentos de transformação – provocados nos processos de interação com a alteridade - para além das fronteiras rígidas entre as diferentes culturas. Isto porque acreditamos que as relações interculturais possibilitam interrogações dos referenciais próprios dos sujeitos, a aquisição de novas referências e mesmo questionamentos dos modos de identificação cultural baseados na localização de classe ou etnia. O encontro com o novo, neste sentido, pode permitir a (re) criação do eu na medida em que inscreve o desejo de outro lugar e outra coisa.

A entrevista narrativa parece adequada para a análise desses movimentos de subjetivação provocados por processos de interação com as diferenças, na medida em que se torna um instrumento de reflexão sobre as trajetórias pessoais de vida, então, ela mesma sendo capaz de desenvolver atitudes desejadas em uma educação intercultural, como considerou Vieira (1999). Ainda mais se esta reflexão se der tomando como eixo da questão gerativa a comparação dessas histórias pessoais com as de outros sujeitos, situados em outros contextos culturais, outra atitude que o autor considera desejada em uma educação intercultural. A narrativa torna-se, assim, parte do processo de formação intercultural, na medida em que pode ser capaz de fomentar o pensamento comparativo, reflexivo, compreensivo e relativizador.

No caso deste trabalho, os eventos que interessam narrar são os processos de mistura e de encontro de diferenças – parte das cenas e enredos de projetos de pesquisa e extensão que reivindicam a inclusão de negros/as e indígenas em contextos acadêmicos de formação de educadores. Neste sentido, algumas perguntas orientam a pesquisa que está sendo realizada, entre elas: como a diferença é representada por professores e estudantes envolvidos nestes projetos? Como a categoria da diferença está sendo construída por

estes sujeitos? A participação nestes projetos possibilita processos que levam a uma reconstrução das imagens do “outro” e de si mesmo?

O pressuposto que orienta o trabalho é o da complexidade e instabilidade das categorias através das quais nos identificamos, acreditando como Willinsky (2002) que uma das tarefas da educação no contexto multicultural das sociedades contemporâneas é contemplar a dinâmica histórica das categorias segundo as quais estamos divididos, ou seja, o processo de formação das categorias pelas quais conhecemos e nomeamos uns aos outros. Estas categorias estão continuamente em processo de construção e servem para diferenciar a distribuição de poder na sociedade. Desvendar estes processos implica em considerar as poderosas relações sociais que moldam as pessoas e os grupos, as influências sociais que constituem, denominam e colocam determinado grupo em uma estrutura social maior. Para Willinsky (2002), acompanhar esta construção histórica, os momentos em que determinadas categorias mudam de significado ou diminuem sua eficácia como ferramentas de exclusão e instrumentos de poder constitui uma importante tarefa política e educacional. Este autor nos desafia a repensar nossas raízes e nossos pertencimentos como construídos historicamente, o que implica em repensar a história dos/as negros/as e índios/as dentro dos espaços educativos, dentro da sociedade e em nossas construções teóricas, no momento em que eles/as estão sendo intencionalmente inseridos nas instituições acadêmicas de educadores através de projetos que contemplam suas especificidades e diferenças e ao mesmo tempo os misturam em um universo do qual historicamente se viam excluídos.

Nesta perspectiva, narrativas de sujeitos interpelados pela diferença, no cotidiano dos cursos acadêmicos de formação de educadores, ajudam a interpretar como as categorias de identidade e diferença estão sendo construídas no percurso de suas histórias e as marcas deixadas pelo convívio com o outro em suas subjetividades. Ajudam a entender em que medida os processos de inclusão “do outro” nestes espaços de formação contribuem para repensar as categorias através das quais classificamos e hierarquizamos as diferenças. Ajudam, ainda, a compreender como estes sujeitos estão construindo e reconstruindo as categorias de raça e etnia, como se vêem e se percebem enquanto comunidades e como articulam deslocamento e enraizamento, a partir das experiências de encontro com a diferença.

Vários estudos sobre processos de mudança na educação já destacaram a importância de se considerar os sujeitos do processo de formação, sejam eles/as professores/as ou estudantes. A maioria dos estudos destaca, todavia, os professores. Alguns autores, como Vieira (1999), defenderam o estudo das trajetórias de vida de professores para explicar atitudes interculturais tais como inovação, criatividade, relativização, reflexão constante, inconformismo e transgressão em relação às práticas pedagógicas tradicionais, que ele considera profundamente marcadas pelas vivências culturais e pelo percurso biográfico destes sujeitos.

Os estudos da então denominada Nova Sociologia da Educação, também contribuíram para chamar a atenção para a importância de se considerar a perspectiva do/a professor/a, sua cultura, representações e experiências sociais e culturais, as categorias de pensamento por meio das quais apreende o seu mundo profissional e a sua identidade, na análise dos processos educativos internos à escola e das ações destes/as professores/as nas interações sociais da escola e da sala de aula. Teixeira (1996), também nesta direção e influenciando toda uma geração de pesquisadores com o conceito de sujeito sociocultural, chama a atenção para as várias dimensões da vida dos/as professores/as que se revelam nas interações com o outro dentro e fora da escola: as formas de expressão corporal, de sociabilidade, de linguagem, os princípios morais e éticos, a pluralidade de experiências culturais, crenças, costumes, desejos, projetos e ações políticas. Também Santos (2000) destaca a importância de se investigar estes/as professores/as como sujeitos socioculturais, cujas trajetórias de vida, experiências culturais, profissionais e de formação se entrecruzam para modelar seus comportamentos, perspectivas profissionais e concepções educacionais.

Este tipo de perspectiva de análise reforça a idéia de que é preciso conhecer os sujeitos envolvidos em projetos que introduzem o debate das diferenças nos espaços acadêmicos de formação de educadores e o papel desempenhado por eles na busca de novos caminhos de interação entre as diferenças culturais nestes espaços de formação. Entretanto, para compreender as potencialidades destes projetos em produzir mudanças no processo de formação é fundamental considerar também os/as estudantes que, junto aos/as professores/as, neles se engajam, confrontando-se assim com novas possibilidades de interação social e simbólica com as diferenças culturais.

Para compreender como as instituições acadêmicas de formação de educadores vêm enfrentando os novos desafios colocados pelo multiculturalismo, em especial o modo como vem enfrentando a política das diferenças, é fundamental ouvir as narrativas dos dois lados do processo formativo, professores e estudantes, protagonistas desses projetos que, por destacarem as diferenças podem estar introduzindo importantes mudanças no processo de formação. É neste sentido que as entrevistas narrativas podem ajudar a entender a mudança a partir das histórias contadas por estes sujeitos. Estas, entretanto, não pretendem substituir ou invalidar o papel de outras metodologias e instrumentos, principalmente da pesquisa qualitativa, tais como a observação participante e a etnografia, que têm se mostrado importantes para acompanhar as práticas cotidianas de interação, os processos pedagógicos coletivos, o contexto institucional, as relações humanas e os contatos interpessoais, ou seja, o cenário no qual ocorrem as possibilidades de trocas entre diferentes culturas, modos de vida e maneiras de pensar. Entretanto, todas estas dimensões atravessam os processos de construção e re-construção das identidades pessoais, para os quais a entrevista narrativa mostra-se mais adequada, pois faz a opção por centrar nestes processos subjetivos.

A entrevista narrativa mostra-se um instrumento interessante para discutir as ressonâncias interculturais e o potencial formativo de projetos que focalizam as

diferenças étnicas, a partir dos movimentos subjetivos de transformação e das histórias de vida de professores/as e estudantes envolvidos/as, convidados/as a narrarem suas experiências de interação com a diferença, nestas novas dinâmicas instauradas nos espaços e tempos de formação acadêmica. Permite analisar em que medida tais projetos vêm se constituindo com um caráter de experiência intercultural para professores/as e alunos/as que deles participam, no sentido de provocar o enriquecimento de seus referenciais culturais e possibilitar uma reinvenção criativa da existência na relação com outros pontos de vista, outras memórias, outros sistemas de significação, a ponto de levar à contestação dos termos e territórios das culturas em interação, conforme as concepções de Souza e Fleuri (2003). A entrevista narrativa transforma-se, assim, em uma oportunidade para os/as entrevistados/as repensarem suas experiências, ordenarem e atribuírem sentido às novas dinâmicas de interação com as diferenças instauradas nos espaços acadêmicos de formação e aos novos desafios que a contemporaneidade coloca para suas histórias individuais e coletivas. Este tipo de entrevista apresenta-se, então, como um significativo recurso metodológico para a análise das transformações que acompanham os movimentos de subjetivação provocados no encontro com a alteridade, assim como também os confrontos, negociações, tensões, lutas e relações de poder que acompanham o debate das diferenças culturais dentro da instituição, na produção científica e nas práticas pedagógicas de formação.

Enfim, o esforço de extrair narrativas por meio de entrevistas pode representar possibilidades interessantes de conhecer os modos como os sujeitos reconhecem a si mesmos e aos outros e assim sobre as mudanças de significação das diferenças e divisões nas sociedades contemporâneas e, em especial, nos discursos e políticas educacionais. As entrevistas narrativas na análise de processos interculturais, como propomos, podem ajudar a desvelar o percurso histórico de formação das categorias de raça e etnia, as mudanças de significado que acompanham a luta pela construção da diferença, cujo processo de reconstrução contínua os/as entrevistados/as estão participando como sujeitos no atual contexto histórico e social no qual se inserem os projetos implementados nas instituições acadêmicas de formação de educadores. Podem revelar em que medida, através da participação nestes projetos, professores/as e estudantes estão se afirmando e se reinventando. De que forma estão incorporando as contribuições de culturas diversas com as quais entram em contato? Que subjetividades plurais estão a surgir? Que novas raízes culturais ajudam a redefinir e retrabalhar as categorias pelas quais se identificam? Para Willinsky (2002), estas são questões centrais para se analisar no atual contexto das políticas educacionais de identidade e multiculturalismo.

Neste sentido, as narrativas de estudantes e professores/as envolvidos/as em políticas educacionais que envolvem as temáticas da identidade e da diferença dentro da Universidade podem oferecer oportunidades para conhecer melhor este trabalho de construção das categorias pelas quais identificam a si mesmos e aos outros e os espaços intersubjetivos de tradução cultural, a partir dos quais se reinventam continuamente.

## ***Como uma espécie de amor intelectual***

Neste tempo em que a informação substitui a experiência e que a narrativa tende cada vez mais a desaparecer, é fundamental que os pesquisadores busquem novas ferramentas de pesquisa que tragam de volta o narrador e sua experiência, na busca incansável por resgatar seus ensinamentos e sabedorias de vida. Em busca dos viajantes de nossos dias para nos contar suas viagens em mundos culturais estranhos e seus constantes deslocamentos entre suas tradições, raízes, pertencimentos e transformações. Para isto, entretanto, é preciso que o/a entrevistador/a (re) aprenda a ouvir as histórias e a escutar os sujeitos, respeitando o modo como ordenam a trama e o que priorizam como significativo no curso dos eventos que apresentam. É preciso também tempo para escutar e mais do que tudo, como já dissemos, atenção e delicadeza para cultivar a arte do encontro.

Acreditamos, por fim, que nas trilhas da entrevista narrativa, será mais provável e fecunda a articulação da pesquisa com as questões que hoje se colocam para os sujeitos individuais e coletivos, cada vez mais interpelados pelos desafios de *trabalharem* e compreenderem a diferença, vivendo-a na sua infinita riqueza - do encontro com a alteridade - em um espaço público sempre mais policêntrico, polifônico e polissêmico.

No entanto, para que nossos esforços sejam férteis ou para que nada seja em vão, é necessário lembrar Bourdieu (1997, p.704) no sentido de que a entrevista narrativa como algumas outras modalidades de entrevista, sendo *uma forma de exercício espiritual*, só poderá realizar-se como tal, a partir de *uma disposição acolhedora*: algo como *uma espécie de amor intelectual*.

## **Referências Bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras Escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CANEN, Ana. Multiculturalismo e formação docente: experiências narradas. Porto Alegre, *Educação & Realidade*, n.24 (2), jul. / dez. 1999.

CANEN, A.; ARBACHE, A. P. & FRANCO, M. Pesquisando multiculturalismo e educação: o que dizem as dissertações e teses. In: Reunião Anual da ANPED, 23, 2000, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Microservice, 2000. 1 CD-ROM.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidad (a modo de presentación). In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIRUCRS, 2004.

LE VEN, Michel; FARIA, Érika de & MOTTA, Miriam Hermeto de Sá. História Oral de Vida: o instante da entrevista. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Os desafios contemporâneos da História Oral – 1996*. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1997.

MATOS, Olgária. A narrativa: metáfora e liberdade, *História Oral*, Revista da associação Brasileira de História Oral, n. 4, jun. /2001.

MILLS, Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969.

NUNES, Edson de O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, improviso, paixão e método na pesquisa social*. São Paulo: Jorge Zahar, 1978.

PÁDUA, Karla Cunha & FILGUEIRAS, Cristina Almeida Cunha. Machuca: a escola, a ponte e o sonho. In: TEIXEIRA, Inês A. C. & LOPES, José de Sousa Miguel. *A diversidade cultural vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, Lucíola L. C. P. Pluralidade de saberes em processos educativos. In: CANDAU, Vera (Org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SILVA, Gilberto Ferreira. Multiculturalismo e educação intercultural: vertentes históricas e repercussões atuais na educação. In: FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). *Educação Intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOUZA, Maria Izabel Porto & FLEURI, Reinaldo Matias. Entre limites e limiars de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). *Educação Intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro. Por entre planos, fios e tempos: a pesquisa em Sociologia da Educação. In: CARVALHO, Marília; ZAGO, Nadir & TEIXEIRA, Rita Amélia (Orgs.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. História Oral e Educação: impregnações e ressonâncias. *Anais do XII ENDIP: Conhecimento local e conhecimento universal*, v.1, Curitiba, 2004. p.153-165.

\_\_\_\_\_. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

VIEIRA, Ricardo. *Histórias de vida e identidades*. Lisboa: Editora Afrontamento, 1999.

WILLINSKY, John. Política educacional da identidade e do multiculturalismo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.117, nov./2002.

---

---

## CARTA DE ACEITE

Prezado (a) Pesquisador (a), **Inês Assunção de Castro Teixeira – UFMG e Karla Cunha Pádua – UFMG**

A Comissão Científica do II Congresso Internacional sobre pesquisa (auto) biográfica (II CIPA), a ser realizado no período de 10 a 14 de setembro de 2006, na cidade de Salvador/Bahia/Brasil, aprovou a **Comunicação individual Virtualidades e alcances da entrevista narrativa**.

Informamos que sua proposta será oficialmente incluída no programa do evento e lembramos que **o período** para envio do texto completo para publicação é **01 a 08/07 de 2006**.

O texto deverá ser enviado através da página do Congresso – [www.2cipa.uneb.br](http://www.2cipa.uneb.br) –, acompanhado da **carta de autorização** para publicação (modelo em anexo). As orientações para envio do texto encontram-se disponíveis no site.

O texto completo deverá ser configurado em papel A4, em uma versão recente do Word for Windows, Fonte Times New Roman (corpo 12), entrelinhas simples, texto justificado, margens em 2,5 cm. No alto da página, em maiúsculo e negrito, deve constar o título do trabalho (deixar uma linha de espaço). Em seguida, deve(m) constar o(s) autor(es), com identificação das instituição(ões) logo abaixo do(s) nome(s) (deixar uma linha de espaço). Logo depois, deve constar o texto do trabalho completo, com no mínimo de 5.000 e o máximo de 8.000 palavras (com notas, referências bibliográficas e imagens/legendas incluídas). No Caso de trabalho com imagens cuidar para que o arquivo eletrônico não ultrapasse 1 MB

Sugerimos que consulte regularmente o site do evento: <http://www.2cipa.uneb.br> que oferece informações atualizadas.

Salvador, 13 de junho de 2006.

Comitê Científico II CIPA

Comissão Organizadora do II CIPA

---

**Autorização de Publicação**

Eu, Inês Assunção de Castro Teixeira e Karla Cunha Pádua

Da Instituição / Organização , do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG

Declaro estar de acordo com a publicação de meu texto, intitulado  
*Virtualidades e alcances da entrevista narrativa*

Na *home page* do II CIPA e no CD-ROM do II Congresso Internacional sobre Pesquisa (auto)Biográfica, realizada entre os dias 10 a 14 de setembro de 2006, em Salvador, Bahia, Brasil.